

Caron e o ensino de arquitetura e urbanismo:

a experiência do curso da Belas Artes

depoimento de Eulalia Portela Negrelos*



Figura da página anterior:

Croquis de figurino da peça “O auto da rainha Ginga”, Conjunto Folclórico Malungo, 1969, autoria de Jorge O. Caron. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

Todos os meus estudos formais eu realizei durante a ditadura militar e esta é uma condição marcante para este depoimento. Entrei no pré-primário em 1968, no Instituto Independente, escola particular do Brás e ali, no ano seguinte, iniciei o curso primário na Escola Estadual Padre Anchieta. Em um novo bairro de imigrantes, a Mooca, finalizei o primário na Escola Municipal Major Silvio Fleming e cursei o ginásio na Escola Estadual Clemente Quaglio. Eram os anos de 1970 a 1976, tenebrosos, e tudo é muito vivo em minha memória, e agora muito mais evidente, passados os anos e com a consciência crítica forjada ao longo de décadas de militância e estudos.

Em 1977 começam os anos de colegial na Escola Estadual M.M.D.C. na Mooca; foram anos incríveis, de inflexão intelectual e de compreensão dos processos históricos e sua complexidade. Isso devido a uma extraordinária professora de história, Julia Alves, com quem aprendi a pensar politicamente, a compreender que não há texto fechado em história, que tudo pode ser questionado. Devo a ela toda a gana de estudar história e também a orientação pedagógica e de vida para estudar arquitetura e urbanismo, pois me dizia que eu me formasse em uma carreira que me permitisse atuar na sociedade. Com Julia, de 1977 a 1979, anos considerados como de “abertura política”, fizemos eventos com cartazes pela anistia e compreendemos que algo estava mudando, ainda que “gradualmente”.

Professores sempre fizeram a diferença na minha vida. Aprendi isso logo cedo. E muito estimulada a cursar a faculdade, depois de uma Fuvest que me cortou por 2 pontos naquele 1979, passei no processo seletivo da Faculdade de Belas Artes de São Paulo, com seu curso de arquitetura e urbanismo recém-aberto, em julho de 1979, quando ingressou a primeira turma, com um corpo docente que ainda não conhecia e que mudaria para sempre a minha vida. Matriculei-me no início de 1980, conformando a segunda turma, e a cada novo professor que entrava em sala de aula eu perdia o fôlego com tantas novidades, posturas novas, novas formas de falar, novas formas de pensar, novos instrumentos didáticos.

O que aprendi na Belas Artes sobre a vida, a política, a sociedade, os edifícios, o espaço, marcou toda a minha existência dali em diante. E mais, confirmou minha convicção da diferença que faz um professor; como dizia Mayumi Souza Lima, uma das professoras de Métodos e Técnicas de Pesquisa, essa diferença se reflete em nosso currículo, construído pelo corpo docente.

Ali tive a oportunidade de trabalhar no Laboratório de Habitação da Belas Artes (LAB-HAB), a partir de agosto de 1982 e até o final do curso em dezembro de 1984, com os movimentos de moradia da zona sul (Cidade Dutra e Grajaú) e da zona leste

* Eulalia Portela Negrelos é Arquiteta e Urbanista, Professora do Instituto de arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-4093-9082>>.

(Movimento de Defesa do Favelado), no mesmo período. E foi no MDF (Movimento de Defesa do Favelado) que atuei na Favela Saquarema, lindeira à Favela da Vila Prudente, mas que ocupava um terreno pequeno, de esquina, de propriedade privada com cerca de 100 famílias em barracos muito adensados, onde desenvolvi o TGI, com um conjunto de professores no que se chamou “9.º semestre”, realizando um estudo – que era preliminar – para a remodelação da favela.

Agradeço a todos os professores e professoras que me brindaram, cada um, com uma experiência na construção da minha carreira, que começou como professora no MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), em 1981, onde trabalhei até junho de 1982, saindo para atuar no LAB-HAB e, também para o estágio junto à SEMPLA (Secretaria de Planejamento da Prefeitura de São Paulo), onde aprendi muito até dezembro de 1984. Antes, havia realizado algumas monitorias que me ajudavam a pagar a pesada mensalidade de uma nova escola bem na Estação da Luz, com localização privilegiada.

Neste depoimento, registrando a memória do corpo docente como um todo na nossa formação – de um grupo de estudantes em sua maioria engajado, militante, inquieto, hoje reunido através das redes sociais “Belas Artes Sala 12” – faço o relevo na figura de Jorge Osvaldo Caron, nosso farol político, profissional, cultural e artístico, cuja contribuição para o curso da Belas Artes foi central e decisiva em todos os momentos de construção coletiva dessa experiência. Em minha trajetória profissional Caron tem um significado vinculado ao cotidiano da escola, da nossa ligação intensa entre estudantes e docentes e, particularmente, no apelido com o qual a mim se dirigia - “*doutora*”-, augurando alegremente, com sua risada inconfundível, meu futuro profissional.

Muitas das memórias aqui presentes e das emoções sentidas ao longo do curso e da gratidão especial a Caron são registros de nossa participação no Colóquio Arquiteto Jorge Osvaldo Caron, realizado no IAU-USP em agosto de 2020 e registrado na Edição Temática sobre ele na Revista Risco. Aqui registramos alguns elementos da atuação docente de Caron junto com a trajetória de um curso, de uma escola e a minha própria, chegando nas possíveis reverberações no IAU.

A Belas Artes com Caron

O curso de arquitetura e urbanismo da Belas Artes se desenvolvia através de uma ação privada, organizada pela Mantenedora Família Gomes Cardim, que desde a década de 1940 mantinha a Escola de Belas Artes no edifício da Pinacoteca, projetado pelo Escritório Ramos de Azevedo para abrigar o Liceu de Artes e Ofícios.

Desde 1971, “A Escola de Belas Artes de São Paulo torna-se Faculdade de Belas Artes de São Paulo, permanecendo no prédio. São concluídas algumas etapas da reforma, como a escada de acesso à Pinacoteca pela Avenida Tiradentes e a outra lateral, além da finalização do teatro de arena.”¹ A Pinacoteca do Estado de São Paulo ficara, ao instalar-se o curso de arquitetura e urbanismo, restrita ao 1.º andar e seu acervo técnico depositado no subsolo. Algumas das grandes salas do segundo pavimento onde funcionava a Faculdade, que hoje todos fruem em suas exposições, com 8 metros de pé direito, foram divididas com mezaninos, buscando a cruel adaptação de um prédio ainda não tombado para outras demandas didáticas.

¹ Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/a-pina/cronologia/>>.

2 Idem.

³ Disponível em <<http://www.metro.sp.gov.br/cultura/arte-metro/livro-digital/arquivos/assets/downloads/publication.pdf>>.

A Faculdade de Belas Artes (FEBASP) mantinha o curso de Educação Artística e outros afins e em 1977 deu-se início ao curso livre de desenho com modelo vivo, semanal, dirigido por Gregório Gruber Correia², aulas que ocorriam no primeiro andar, em um espaço que nos permitia assistir, desde o 2.º, às aulas indiretamente, da grande abertura da sala 12, nosso grande atelier. Gregório Gruber, filho de Mário Gruber, que ingressou na Escola de Belas Artes em 1948, me proporcionou uma experiência viva de produção artística na grande plataforma central da estação da Sé do metrô, que eu frequentava no trajeto entre casa e escola. O grande painel de 4,5 X 11, “Como Sempre Esteve, o Amanhã Está em Nossas Mãos”, (1979-1987)³ foi se materializando cotidianamente com o trabalho do artista que eu assistia furtivamente no meu percurso na grande estação.

Na Belas Artes pudemos acompanhar o grande interesse de Caron por novos cursos de arquitetura e urbanismo e usufruir da sua enorme contribuição para o desenvolvimento no curso da Belas Artes, onde atuou como educador e arquiteto, constituindo-se um personagem de relevância para a nossa formação. Contribuição central de Caron era a ideia de construção coletiva do curso, um objetivo permanente assumido firmemente entre estudantes e professores; essa ideia de trabalho coletivo me marcou profundamente e adquiriu importância em nossa trajetória profissional e acadêmica com forte ligação com o período de formação na Belas Artes.

Como coordenador, Caron exercia presença firme e segura; seu humor ferino era um mecanismo importante para marcar e dar mais vitalidade a muitos momentos de doçura, em uma etapa política dura da nossa história - o último período da ditadura – em que Caron seguia atuando em outras escolas.

É memorável sua enorme capacidade de ouvir; ouvir-nos era importante, ainda que sua escuta fosse seguida de uma bela “bronca”, que vinha carregada de alegria de saber, vontade de conhecer, instigando-nos para ampliar o pensamento e nunca nos apequenarmos. Quando a poeira da bronca abaixava havia oportunidades em que Caron, para nos provocar como arquitetos e urbanistas em formação, desenhava - muito (!) - com um impressionante domínio e com lições para enfrentar o “medo de desenhar”. Para os que não dominavam as técnicas de desenho da arquitetura e do urbanismo Caron sempre exercia estímulo, ao mesmo tempo orientando para que nunca apagássemos um desenho, que desenhássemos novamente para que o processo ficasse registrado. Suas aulas e o convívio com ele em todos os espaços coletivos da troca acadêmica, política e humana, eram sempre uma lição de projeto.

Em minha formação Caron atuou na disciplina de Desenho do Objeto, sempre insistindo que as disciplinas não se transformassem em “gavetas”, mas estratégias curriculares de amplo espectro. Nessa disciplina, suas aulas eram de história, de arte, de cultura, de poesia, de sociedade, de teoria, relacionando permanentemente todos os campos do conhecimento.

Vale registrar que em 1979, quando se instala o curso de arquitetura e urbanismo da Belas Artes, os programas para projeto em diferentes escalas estavam muito vinculados a equipamentos públicos, alguns deles já antigos, como os equipamentos escolares e de saúde, por exemplo, e alguns relativamente “novos” para o Brasil (como as estações de metrô, com o primeiro trecho da linha norte-sul em São Paulo inaugurado em 1974) e alguns novos programas para antigos usos, com novas propostas (novos

espaços para templos religiosos, novos tipos de escola, novos espaços livres públicos). Uma experiência pessoal marcante foi a inauguração da estação da Sé, onde estive em fevereiro de 1978, em uma praça cheia de tapumes de uma obra ainda a completar.... Minha primeira experiência num ato massivo....

Em um dos semestres de Desenho do Objeto, Caron nos trouxe o desafio do desenho de um mobiliário para telefone público e, com sua cultura ampla e muito jeito para o discurso surpreendente, Caron foi analisando o tão conhecido “orelhão” como objeto kitsch. Naquele momento esse mobiliário era um item programático para o espaço público e Caron nos abria o raciocínio para remontagens da cultura artística e arquitetônica.

As orientações de percurso internas nas estações de metrô – pictogramas e famílias de orientação no espaço público – foram igualmente temas das aulas de Mensagem de Renina Katz junto com Ubirajara Ribeiro; igualmente os aeroportos, com o exemplo de Guarulhos, nosso contemporâneo, inaugurado em 1985, em cuja equipe de projeto participou Bergamin nosso professor de Projeto.

Uma das iniciativas de buscar novos percursos de ensino da arquitetura e do urbanismo foi a criação do LAB-HAB – Laboratório de Habitação -, que Caron apoiou integralmente, de forma permanente e constante, o que foi decisivo para a manutenção do laboratório. Minha atuação, desde o segundo semestre de 1982 e até o final de minha graduação, em 1984, me permitiu atuar em projetos de extensão em habitação e equipamentos comunitários no Grajaú, zona sul de São Paulo, de forma participativa junto com moradores atuantes em associações de moradores da Cidade Dutra. O LAB-HAB teve várias formações de estudantes monitores e de docentes coordenadores desde sua criação em 1981; nas figuras 1 a 5 estão reunidos professores e estudantes de vários períodos de monitoria.

Figura 1: Caron, figura central ao lado dos professores Joan Villá e Olair de Camillo, Yves de Freitas e Nabil Bonduki, junto a vários estudantes do LAB-HAB (entre outros Dagoberto, Caropreso, Nelci, Milton, Martha, Rodrigo, Eulalia, Lília, Marilita, Sergio, Patrícia, Marcio, Durville, Maurício), Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.



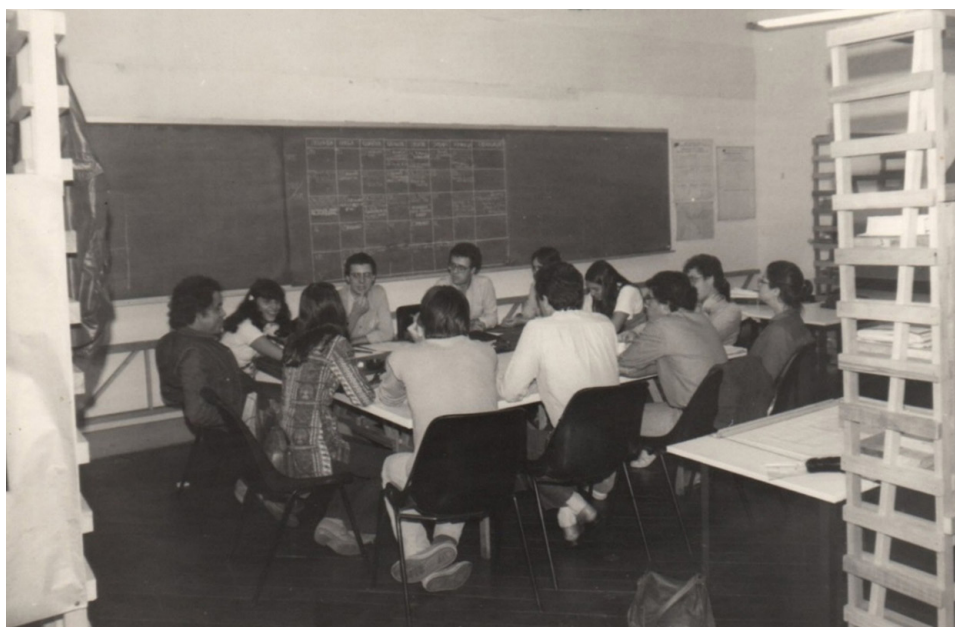


Figura 2: Além de Bonduki, Villá e Freitas, está Antonio Carlos Sant’Anna. Outros estudantes: Renato, Reginaldo, Beto, Sueli, Mário, Márcia, Eduardo, Ana, Wladimir, Malu. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.

Figura 3: Reunião de trabalho de planejamento do LAB-HAB. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.

Figura 4: Parte da equipe do LAB-HAB com Villá, Bonduki e Santanna. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.



Figura 5: Bonduki em reunião de projeto com estudantes Mari-lita e Caropreso. Fonte: Arquivo pessoal.

A década de 1980 inicia, junto com o curso, com ocupações de áreas particulares promovidas pelo movimento de moradia, como a fazenda Itupu, em 1981; nesses eventos vários colegas arquitetos e urbanistas, docentes no Curso da Belas Artes, atuaram já como assessoria técnica – indicando a ampliação desse caminho de atuação profissional que o LAB-HAB trilhou heroicamente. A década – e nós estudantes mobilizados na BA – teve sua inflexão com o movimento das Diretas Já, em 1984 – frustrado com o resultado da votação no Congresso Nacional em que as abstenções de deputados em grande número levou à rejeição da emenda constitucional Dante de Oliveira, o que ocasionou a eleição indireta em colégio eleitoral de Tancredo Neves e José Sarney.

As migrações internas no Brasil, intensas na virada dos anos 1970 para os 1980 - e assim seguindo pela década dos 1980 -, tinham na Estação da Luz um lugar de chegada e permanência quase indigente – que nós chegamos a estudar com Raquel Rolnik na disciplina EPB – Estudo de Problemas Brasileiros, também ministrada por Alfredo Paesani.

Outros laboratórios de extensão que Caron contribuiu para estruturar foram o Laboratório Projeto Interior, coordenado por Malu Refinetti; o Centro de Documentação – CEDOC, coordenado por Maria Helena Flynn; e o de Fotografia, com objetivo de formação e de apoio a trabalhos internos, com aprendizado em revelação e aplicação nos trabalhos do curso.

A construção coletiva de um curso, promovida por Caron e conectada com as transformações necessárias no ensino e no Brasil, foi uma força do curso presente em todos nós, trabalhando temas sociais candentes nos laboratórios e nas disciplinas: habitação e assistência técnica; planejamento nos municípios não metropolitanos; documentação e exposições; patrimônio.

O tema do patrimônio teve importante experiência apoiada por Caron com a formação do Movimento SOS Memória, por estudantes do Curso, particularmente Arnaldo Mello, Cristina Guerra, Eduardo Aquino e por mim.

Aracy Amaral, diretora da Pinacoteca entre 1975 e 1979, quando foi substituída por Fábio Magalhães, havia proposto o tombamento do edifício em 1977. O Movimento SOS Memória logrou o apoio de Magalhães, que encaminhou o pleito de tombamento ao CONDEPHAAT, aprovado em 1982, interrompendo a intensa descaracterização do edifício iniciada pela mantenedora. Em 1983, “Maria Cecília França Lourenço, historiadora de arte, é nomeada diretora da Pinacoteca. Permanecendo até 1988 no cargo, desencadearia uma intensa campanha em prol da ocupação total do prédio pela Pinacoteca.”⁴ Em 1989 “a Faculdade de Belas Artes de São Paulo sai do edifício que compartilhava a Pinacoteca, desde 1946, para sede própria na Vila Mariana.”⁵

⁴Disponível em <<https://pinacoteca.org.br/a-pina/cronologia/>>.

⁵Idem.

A luta pela abertura política nos unia, ao mesmo tempo da luta por cursos de arquitetura e urbanismo de nova concepção, lembrando sempre o caso do curso de São José dos Campos (extinto pela ditadura), em que vários professores da Belas Artes atuaram, como Caron, Mayumi Souza Lima e Carlos Roberto Monteiro de Andrade (Mancha), sendo Yves de Freitas estudante nessa escola, com ressonância na constituição do corpo docente arregimentado por Caron para a Belas Artes, nos objetivos e nas dimensões de ensino e formação.

As disciplinas eram espaços didáticos amalgamados pelo esforço de integração permanente dos saberes; vale registrar neste depoimento as disciplinas e alguns de seus docentes para compreender melhor a figura de Caron e a convergência de profissionais para a atuação docente.

Figura 6: Desenho de Arnaldo Melo, participante do grupo SOS Memória, como marca da atuação do Curso junto ao tombamento do prédio da Belas Artes. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.



Plástica (7 semestres) – Caron, Ciça, Tomio, Ecio, Elvira, Vespasiano Puntoni.
 Projeto Arquitetônico – Edificação – (10 semestres) – Joan Villá, Jacó, Cristina de Castro Mello, Luiz Chichierchio, Rogério, Eurico Prado Lopes, Mauro Bondi, Marco Tabet, Walter Maffei, Farah, Antonio Carlos Sant’Anna, Henri Michel.
 Projeto Arquitetônico – Urbanismo (10 semestres) – Márcia Lucia Guilherme, Welker, Gilberto Rizzi, José Prado, Regina Meyer, Bona de Villa, Nelson Trezza, Pascoal Guglielmi, Malu Refinetti, Vera Ilce.
 Física (3 semestres) – Luiz Chichierchio e Conrado Silva de Marco
 Estudos Sociais – Sociologia e Economia Política (6 semestres) – Sonia Nahas, Vera Silva Telles, Elizabeth, Wolf
 Evolução e Organização Profissional (2 semestres) – Alfredo Paesani, Ives de Freitas, Rodrigo Lefevre]
 MTP – Métodos e Técnicas de Pesquisa (para arquitetos) (5 semestres) – Raquel Rolnik, Nabil Bonduki, Mayumi Souza Lima, Carlos Roberto Monteiro de Andrade (Mancha).
 EPB – Estudo de Problemas Brasileiros (2 semestres) – Alfredo Paesani e Raquel Rolnik
 Desenho e outros meios de expressão – Projeto da Imagem (Mensagem) (7 semestres) – Renina Katz, Vera Ilce, Ubirajara Ribeiro, Haron Cohen, Marcelo Nietche, Luiz Augusto Contier, Paulo von Poser, Flávio Império
 Geometria Descritiva (1 semestre) – Semi Amar
 Topografia e Cartografia (1 semestre) – Ettore Bottura
 Cálculo Diferencial e Integral (1 semestre) – Meire
 Estatística (1 semestre) – Meire
 MTC – Materiais e Técnicas de Construção (2 semestres) – Olair de Camillo
 Instalações e Equipamentos (5 semestres) – Sergio Malacrida
 Teoria da Arquitetura (5 semestres) – Jonas Tadeu Malaco, Anne Marie Summer, Carlos Roberto Monteiro de Andrade (Mancha), Waleska Peres Pinto.
 Arquitetura Brasileira (7 semestres) – Silvia Fycher, Maria Helena Flynn
 Estética e História das Artes e da Arquitetura (3 semestres) – Marco Antonio Tabet e Jonas Tadeu Malaco.
 Resistência dos Materiais (1 semestre) – Yopanan Rabelo e Maria Amélia Devite (Mel)
 Estabilidade das Construções (1 semestre) – Yopanan e Mel
 Higiene e Saneamento (3 semestres) – Chichierchio e Manuel Francisco Navarro Moreno
 Sistemas Estruturais (6 semestres) – Yopanan, Mel, Antonio Domingos Bataglia e João Marcos de Almeida Lopes, Vitor Zenon Lotufo.

Durante o Colóquio Caron, no IAU-USP em agosto de 2020, na apresentação de Monica Junqueira sobre a formação de Caron na FAU na Vila Penteado entre 1958 e 1965 estão referências de docentes da Belas Artes e, posteriormente, do IAU, o que o torna ainda mais emblemático da atuação de articulação de um coletivo de professores comprometidos com um novo ensino de arquitetura e urbanismo.

Dos professores da Belas Artes, os que conviveram com Caron no curso de Arquitetura e Urbanismo - Departamento da EESC-USP, São Carlos, foram: Mayumi, João Marcos, Nabil, Mancha e Chichierchio; destacamos que Bataglia já atuava no Departamento em São Carlos antes da criação do Curso da Belas Artes.

É de ressaltar a estratégia didático-pedagógica para Projeto Arquitetônico nas duas grandes dimensões – edifício e cidade – desenvolvidos cada uma em 10 semestres, com estratégias próprias, paralelas, mas integradoras. No campo disciplinar do Urbanismo,

podemos viver a clivagem entre projeto urbano e plano abstrato e teórico que foi se ampliando ao longo dos anos 1980, fragmentação conceitual que ainda se observa no campo disciplinar.

Aprendíamos o centro metodológico do Urbanismo e a importância da abordagem interescalar – a disciplina não tinha uma evolução do pequeno ao grande – e se realizava o início do corpo da crítica à prática do planejamento na ditadura através dos PDDI (Planos Diretores de Desenvolvimento Integrado disseminados pelo SEFHAU/BNH), bem como aos conjuntos habitacionais (intensamente disseminados através das companhias de habitação vinculadas ao BNH, lembrando aqui que no estado de São Paulo foram criadas 7 COHABs no período da vigência do Banco, ativas até hoje), buscando-se alternativas para ambas as dimensões de atuação urbanística.

O final da ditadura, o último governo militar, foi, assim, coincidente com a vida do curso, ocorrido de 1979 a 1986, numa muito limitada e controlada “abertura política”. No momento de criação de novos partidos políticos, tem destaque o Partido dos Trabalhadores, que teve uma importância muito grande na atuação do movimento estudantil, do qual muitos dos estudantes do Curso da Belas Artes fizemos parte.

E foi também em 1986 que culmina a crise da Belas Artes, com longa greve iniciada em 1985 (tendo colado grau em março de 1985, eu já estava a caminho da pós-graduação em Madri), que finaliza dramaticamente em 1986 com a demissão de todos os professores e com alguns colegas estudantes terminando seus cursos em outras faculdades. O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Belas Artes, como o conhecemos, extingue-se com esse desfecho num momento político e econômico muito complexo; finaliza, assim, uma experiência rica e auspiciosa num momento de redemocratização e de participação social. Justo nesse momento, não havia muitas oportunidades de trabalho para os recém-formados, em meio à década perdida dos 1980, a partir da decadência da burguesia industrial paulista, num período de declínio do desenvolvimentismo, cujas características vimos estudando em nossas pesquisas com a revisita da historiografia sobre a ditadura militar, que podem ser compreendidas com as pressões do capitalismo, que já se mostravam ativas contra a intervenção estatal na economia e pelas privatizações que, ao final da década dos 1980, se fortaleceriam no modelo neoliberal.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Belas Artes acabou, assim, com o total desmonte de sua estrutura a partir da recusa da mantenedora em atender as propostas de um legítimo movimento de docentes e estudantes em prol da garantia de justos direitos trabalhistas e de condições de ensino. Aquela Belas Artes “nunca mais” se concretizou em qualquer outro curso, acompanhando a todos nós a memória e a certeza da possibilidade de um curso com aquela qualidade de ensino, aprendizagem e formação humanista (ver Figura 7).

A memória da vida extraordinária de Jorge Osvaldo Caron (1936-2000) nos guia na reflexão permanente e na crença em trabalhos construídos coletivamente, com a emoção guardada em eventos como o da formatura da primeira turma de arquitetos e urbanistas da Belas Artes e com a doce memória de sua gargalhada pelos corredores do IAU. Gratidão, Caron!

Recebido [Mes. dia, ano]

Aprovado [Mes. dia, ano]



Figura 7: Assembleia na Belas Artes, ateliê sala 12. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.

Figura 8: Caron na formatura da primeira turma. Março de 1980. Fonte: Belas Artes Sala 12 <<https://www.facebook.com/groups/131938233491968>>.